
HABERMAS E A COMUNICAÇÃO COMO PROPEDEÚTICA DO CONSENSO NA GESTÃO DO CAPITALISMO¹

Roseli Figaro²

RESUMO: O artigo tem o objetivo de problematizar as formulações teóricas de Habermas sobre racionalidade da ação comunicativa e a relação dela no embate com o discurso emancipacionista e classista do pensamento social. Pretende-se cumprir tal objetivo em dois movimentos discursivos. Primeiro, apresentar uma breve síntese sobre o pensamento habermasiano; e, em seguida, demonstrar como seus principais conceitos se estabelecem em oposição ao pensamento materialista dialético e em oposição à ideia de emancipação. Habermas com sua proposição teórica coloca a democracia no centro do avanço da organização societária, e eleva o sistema capitalista como aquele capaz de acolher a construção do consenso e a racionalidade comunicativa. Conclui-se que Habermas com sua teoria, que a comunicação é a ciência e o instrumento capaz de propagar a função propedêutica do consenso no saneamento do capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Habermas, comunicação, capitalismo, consenso, linguagem

INTRODUÇÃO

A proposta de discussão que fazemos neste artigo, sabemos, é audaciosa e pode parecer irresponsável, frente à potência da obra de J. Habermas. A tarefa que enunciamos é um programa de estudos para toda um percurso profissional e acadêmico. Impossível de ser realizado em um artigo de poucas páginas. Desse modo, nosso objetivo é chamar a atenção dos leitores para a obra de Habermas, mas em uma outra chave de leitura. A chave da crítica e da contestação da abordagem da relação sociedade e poder, proposta pelo Filósofo.

Desde a tese de doutorado, publicada em 2001, tenho discutido a proposta habermasiana de ação e razão comunicativas, apresentando argumentos sobre como os pressupostos dos quais parte Habermas são lastreados pela compreensão social-democrata e conformadas pelo espírito do pós-guerra do estado de bem estar-social, em alguns países da Europa, bem como delimitados por certa compreensão dos avanços democráticos, sobretudo aqueles inspirados na ONU e na ordem mundial que se construiu

¹ Trabalho apresentado ao GT Teorias da Comunicação do 42. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom. UFPA.

² Professora livre-docente, coordenadora do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP e do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho – USP/CNPq. Bolsista PQ 2 do CNPq.

com o fim da Segunda Guerra Mundial. A guerra fria, a guerra do Vietnã, a corrida armamentista, as crises cíclicas do capitalismo, os regimes autoritários e a reestruturação produtiva, inspirada nos usos da tecnologia em prol dos oligopólios, são dados irrefutáveis e demonstram na prática como a teoria do agir comunicativo de Habermas não responde às demandas para que os valores humanistas da modernidade se realizem. Outros trabalhos que realizamos, estudando o mundo do trabalho a partir das relações de comunicação, também demonstraram a improbabilidade de a razão comunicativa, o lugar ideal de fala e a busca do consenso possibilitarem qualquer tipo de organização de resistência capaz de responder à altura aos ataques sofridos pelos mais pobres, os democratas e os verdadeiramente internacionalistas e humanistas. Como contraponto, temos buscado, por meio da investigação teórica e empírica, novas balizas conceituais para os problemas que as ciências da comunicação podem enfrentar e responder. Desde então, tenho proposto o estudo da comunicação a partir do binômio comunicação e trabalho. Essa proposta visa confrontar a concepção habermasiana que considera a comunicação o eixo central da constituição da sociedade humana em detrimento do trabalho.

Os eixos a nossa crítica a Habermas estão na formulação que ele faz em detrimento ao materialismo histórico dialético, desprezando o conceito de trabalho. Essa crítica se estende para permitir que compreendamos o percurso teórico do filósofo alemão e as apropriações que faz de diferentes correntes de pensamento, rearticulando-as em sua proposta de razão e ação comunicativa. Habermas busca soluções para o pensamento conceitual da modernidade, reorientando as lógicas conceituais sobre a razão e sistema, a partir das obras de Weber, Mead e Parsons, no que diz respeito à sociologia. Articula os conceitos de linguagem e entendimento a partir da pragmática linguística de Wittgenstein, Searle e Austin, para defender a ordem da linguagem verbal como aquela capaz de, por sua função e natureza comunicativa, construir o consenso. Para o Filósofo, as lógicas e estratégias de persuasão são a base para o entendimento e assim se conquista o acordo social, a razão, o bom senso e a civilidade na esfera pública.

A proposta neste artigo é chamar a atenção para um programa de estudos mais do que necessário para entendermos os dilemas da atualidade e como os conceitos propostos por Habermas foram apropriados de maneira, a moda do cachorro que corre atrás do rabo, a não sairmos da armadilha da reiteração dos princípios liberais de organização político-social de nossa sociedade. A potência dos conceitos habermasianos se esgota ao ser

confrontada com os dilemas da realidade. Os conceitos habermasianos não alcançam dar explicações para o real vivido na história e na contemporaneidade.

Este artigo não cumprirá todas as suas promessas, mas esperamos provocar os leitores a se debruçarem sobre a obra de Habermas com um olhar crítico. Para cumprir, então, o objetivo possível, discutiremos, na primeira parte, os valores e pressupostos que orientam o olhar de Habermas para pensar a sociedade. Em seguida, discutiremos os conceitos de racionalidade e de ação, para compreendermos a defesa que faz Habermas de a comunicação ser eixo da construção do consenso e da igualdade de lugar de fala. Para finalizar, discutiremos como as abordagens conceituais e teóricas do Filósofo têm sido utilizadas para reiterar posições políticas e econômicas hegemônicas em detrimento das posições classistas que defendem uma outra ordem econômica e social. Considerar a atividade de comunicação e de trabalho como aspectos ontológicos do ser humano recoloca uma perspectiva transformadora para as pesquisas em comunicação.

Para Habermas: os valores do Iluminismo ainda não se cumpriram

Habermas é o pensador vivo cuja contribuição nos permite estabelecer uma ponte entre os grandes pensadores do século XIX e do século XX, com o objetivo de compreender nossa vida em sociedade. O século XX produziu muitas guerras, armas, meios e tecnologias de comunicação, mas, sobretudo, fomos capazes de produzir grandes cérebros que, por diferentes caminhos, interpretaram a história, a organização societária e as relações sociais. Podemos lembrar de Eric Hobsbawm, (9/06/1917 – 01/10/ 2012) como o intelectual que recolocou para nós o conceito de História e a relevância da pesquisa histórica, além de retomar uma tradição materialista de pensar a sociedade – passado, presente e futuro – como movimento da história. Lembrar de Hobsbawm, para tratar de Habermas, tem como finalidade retomar o lugar do pensamento da Escola de Frankfurt – sobretudo de seus fundadores Max Horkheimer e Theodor Adorno – que por meio do método sócio-histórico, tinha por objetivo construir uma ciência social crítica. Walter Benjamin, voz polêmica entre os frankfurtianos, traz em sua clássica *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* questões que são caras para pensarmos a relação cultura, história, tecnologia. A presença da reflexão histórica perpassa a obra desses intelectuais frankfurtianos. A questão da dialética, da práxis e da história como eixo para a compreensão da organização da sociedade são movimentos que compõem o

arcabouço teórico metodológico dos autores. O embate principal entre Horkheimer/Adorno e Benjamin está exatamente em como compreender o movimento histórico dialético no estudo da sociedade alemã e ocidental. Para os primeiros, a dialética negativa é um conceito que permite vislumbrar os caminhos que o capitalismo consolidou com a tecnologia e a tecnociência como instrumentos de poder e de subordinação do espírito humano e da criatividade, na derrocada da modernidade e seu potencial de realização dos valores humanistas. Já para Walter Benjamin, a tecnologia e o desenvolvimento tecnológico e da vida urbana colocavam para os críticos novas questões a serem compreendidas: o fim da arte como produção sublime do espírito individual do artista e da fruição possível para sensibilidades destacadas; a reprodução técnica traria em si – dialeticamente – a contradição e o questionamento do lugar do artista e da arte como produtos históricos para cidadãos e trabalhadores. Benjamin permite pensar a circulação e a fruição da produção cultural como aspectos do capitalismo avançado e em disputa pelas forças contra hegemônicas. Há em Benjamin um toque de esperança e frescor ao criticar o historicismo dos relatos dos vencedores e da história da cultura. Essa percepção temos ao ler as suas Teses sobre a História. Na VII tese, essa crítica se faz com toda a veemência e pode ser sintetizada na frase: a história deve ser escovada a contrapelo. Em magistral artigo sobre o tema, Michael Löwy (2011) destaca o seguinte excerto de Benjamin:

O momento destruidor: demolição da história universal, eliminação do elemento épico, nenhuma identificação com o vencedor. A história deve ser escovada a contrapelo. A história da cultura como tal é abandonada: ela deve ser integrada à história da luta de classes (Benjamin, 1981: 1240).

Esse excerto da Tese coloca à mesa o problema da história como produto das lutas de classes, considera a história dos vencidos como elemento fundador para se compreender a civilização.

Denominado de herdeiro da Escola de Frankfurt, J. Habermas vai ao longo de sua obra abandonar, se é que alguma vez o compreendeu, o conceito de história como processo da luta de classes. A verdadeira contraposição entre Habermas e os fundadores da Escola de Frankfurt está exatamente no objetivo pelo qual se analisa a sociedade: os frankfurtianos querem construir uma ciência social crítica; Habermas quer propor uma explicação racional para o funcionamento da sociedade e encontrar o equilíbrio de uma esfera pública consensuada. Por isso, a obra de Habermas constrói uma racionalidade – normativa – para a gestão política da sociedade.

Para Carreira da Silva, professor da Universidade de Lisboa, Habermas abandona a abordagem histórica para privilegiar, em sua obra, a pragmática linguística.

da historicidade e contingência de 1962 ao universalismo a-histórico da teoria da acção comunicativa, da pragmática formal e da ética da discussão, a partir dos anos 70, altura em que a “viragem linguística” (ou “viragem para a linguagem”) do seu próprio pensamento reflectiu a crescente importância que o estudo filosófico dos fenómenos ligados à linguagem e à comunicação humana foi assumindo no pensamento social contemporâneo. (Silva, 2001, p.117)

O pressuposto teórico de Habermas não dialoga com os Frankfurtianos, ele parte de outras referências teóricas que não aquelas construídas por Adorno, Horkheimer e Benjamin. O conceito de história é o primeiro a ser banido de seus pressupostos. Suas primeiras influências estão em Heidegger (na filosofia) e Humboldt (na linguagem). A obra fundamental que demarca o pensamento maduro de Habermas é Teoria do agir comunicativo, publicada na Alemanha em 1981. Na edição espanhola – Teoría de la acción comunicativa I y II, (1987-1999) os editores afirmam:

Habermas realiza em Teoria da Ação comunicativa uma análise em profundidade da teoria da ação e seu fundamento racional, tentando satisfazer três pretensões fundamentais:

- 1- desenvolver um conceito de racionalidade capaz de emancipar-se de supostas versões subjetivas e individualistas de filosofia e teoria social moderna;
- 2 - construir um conceito de sociedade em dois níveis, integrando os paradigmas de sistema e mundo da vida;
- 3 - elaborar uma teoria crítica da modernidade que ilumine as patologias e deficiências da modernidade e sugira novas vias de reconstrução do projeto Iluminista ao invés de propugnar o seu abandono. (Taurus, 1997)

De onde se depreende seu afastamento completo dos fundadores frankfurtianos bem como dos referenciais emancipacionistas das classes subalternas. Habermas faz sua escolha pela gestão social e política praticada pelos agentes racionais que tomam lugar e função na esfera pública. Não há confrontos entre interesses privados, acúmulo de riqueza e poder que não possa ser administrado pela razão comunicativa. Para ele, a esfera da política deve ser regulada pelos valores do humanismo Iluminista.

A razão comunicativa é fundamento do social

Habermas dialoga com Marx e Weber e rompe com o marxismo ao fazer a crítica ao materialismo histórico. Essa crítica está lastreada, como já foi referido antes, no abandono do conceito de história. Habermas despreza as relações de produção e esquece a divisão da sociedade em classes para afirmar a relação intersubjetiva entre iguais, baseada na relação eu-tu, eminentemente comunicativa. Faz a crítica ao marxismo como positivismo – razão instrumental, à medida que, para ele, a História não se constitui nos embates das lutas de classes no processo civilizatório e de progresso das forças produtivas. Habermas desconstrói o conceito de emancipação no marxismo para reconstruí-lo como situação ideal de fala na esfera pública.

O edifício teórico de Habermas é composto de rearticulações conceituais sobre sociedade no pensamento de Weber e sobre o conceito de sistema de Parsons e Luhmann, passando pela pragmática de Wittgenstein, Austin e a interação social de Piaget. Une a teoria dos sistemas à teoria da linguagem. No capítulo I, introdutório de Teoría de la acción comunicativa, o filósofo afirma:

Voy a comenzar con una discusión provisional del concepto de racionalidad, situando este concepto en la perspectiva evolutiva del nacimiento de la comprensión moderna del mundo. [...] El propósito es mostrar que necesitamos de una teoría de la acción comunicativa si queremos abordar hoy de forma adecuada la problemática de la racionalización social... (1997, p. 23)

Nesse enunciado, observa-se a preocupação de Habermas em relacionar razão, civilização e relação interpessoal regulada. Mais adiante ele deixa clara essa posição ao tratar de razão como capacidade de argumentação, como forma de discurso com a competência de regular a ação.

[...] suponemos una estrecha relación entre racionalidad y saber. [...] la racionalidad tiene menos que ver con el conocimiento o con la adquisición de conocimiento que con la forma en que los sujetos capaces de lenguaje y de acción hacen uso del conocimiento. (1997, p. 24)

A aceção de regulação social e construção de um espaço de racionalidade na estrutura social, para Habermas, têm como operadores os valores civilizatórios da modernidade. São aqueles princípios vinculados à democracia liberal. Ao propor a razão pelo uso do conhecimento da ação de linguagem, Habermas reinstalou no espaço político a ideia atualizada de contrato. O contrato social é o consenso a que se chega pela negociação de cada lugar de fala na esfera pública. A recuperação da razão – perdida

pelos excessos do capitalismo dos oligopólios – é reconstruída pela ação comunicativa, dos atores que têm lugar de fala garantidos na esfera pública.

No pensamento de Habermas, a razão crítica tem papel nesse cenário porque ela é eminentemente linguística, ou seja, comunicativa. Para Habermas, a linguagem é expressão de uma relação intersubjetiva, regida por normas de validade (hermenêutica de Gadamer e a pragmática de Austin e Searle). O ato de fala é fundamentado na Pragmática Universal e na evolução social (análise das estruturas dos proferimentos). A palavra e o discurso são compreendidos como a ação característica do humano. A esfera pública – liberdade de ação pública - é o exercício da ação, ou seja, da fala, da comunicação entre atores. Habermas atribui à fala o campo de realidade.

Em sua crítica ao que denomina de marxismo ocidental de Lukács, Horkheimer e Adorno, Habermas propõe:

Se trata, de un lado, de ampliar el concepto de acción y de relativizar la categoría de actividad teleológica recurriendo para ello a un modelo de entendimiento, que no solamente presupone pasar de la filosofía de la consciencia a la filosofía del lenguaje, sino también del desarrollo y radicalización del análisis del lenguaje en términos de una teoría de la comunicación. (1997, p.438)

Nesse excerto, entendemos como, para Habermas, a História significa teleologia, ou seja, finalidade precípua. A História não é compreendida como campo científico que nos permite entender o presente e o futuro a partir das formas materiais e subjetivas já vividas. Ou seja, perde-se o processo, a contradição, as possibilidades do ineditismo da ação humana. Nesse sentido, a linguagem também é mecanismo racional, por conta da formulação da sintaxe e da estrutura dos proferimentos a ser manipulada em favor de valores. Habermas não admite a linguagem como formulação ontológica graças à atividade de trabalho para a sobrevivência: âmago do processo de constituição do ser humano.

Em outros parâmetros, mas muito próximo aos funcionalistas Lasswell e Lazarsfeld, é a comunicação o ‘lugar’ de **regulação** das tensões sociais, da governabilidade. Pois, a evolução social é marcada, não por revoluções das forças produtivas, mas pela razão da negociação do contrato social. O Filósofo compreende organização social em dois níveis:

O **Mundo da vida** que é o nível cultural, da linguagem, da personalidade; e o **Sistema**, onde estão as relações de reprodução material e das instituições. Para Habermas, o

trabalho não é o eixo da evolução da espécie e da sociedade humanas. Nesse sentido vai a crítica dele à Marx e ao materialismo histórico como eixo central o trabalho e a produção da cultura. A visão sistêmica de sociedade de Habermas opera nesses dois níveis: mundo da vida e sistema de maneira que estão separados os interesses que regulam o mundo da vida daqueles que regulam o sistema, cabendo à comunicação na esfera pública a ação de regulação entre os dois níveis. Habermas destaca o mundo da vida como o mais importante: essencialmente comunicativo. A dimensão simbólica se dá na relação sujeito-sujeito (intersubjetiva), por meio da qual é possível fazer a regulação dos atos de fala.

A pragmática linguística traz, no entender de Habermas, aportes teóricos importantes para potencializar a ação comunicativa, à medida que a linguagem é tomada em seu elemento intersubjetivo de atos de fala, tido como unidade básica da fala, campo de realidade. Os atos de fala regem-se por quatro aspectos: intenção de verdade; expressão de forma veraz; manifestação correta; haver concordância e aceitação entre falantes.

O mundo da vida é, para Habermas, o potencial de contradição capaz de regular o sistema, porque o mundo da vida se constitui na relação intersubjetiva, o outro sempre está lá, sempre deve haver entendimento. Portanto, o entendimento é da natureza linguística da comunicação humana. Estender a inerente racionalidade do entendimento da relação intersubjetiva ao sistema é regulá-lo por essa mesma pressuposição do entendimento. É uma questão da evolução social. Para Habermas, verdadeiro processo civilizatório.

A virada linguística que consolida o pensamento habermasiano tem como pressuposto a situação ideal de fala, balizada pelo seguinte aspecto: a relação intersubjetiva dada pela comunicação seria capaz de regular a influência do sistema no mundo da vida. Para isso, **a ação** comunicativa construiria **a razão** comunicativa, ou seja, uma racionalidade dada pela construção de situação ideal de fala. A comunicação e o entendimento estão baseados em 3 funções: representar algo por meio de frase; expressar intenções do falante; estabelecer relações interpessoais legítimas. Já as condições para que o consenso possa ser alcançado baseia-se em propósitos ilocucionários dos atos de fala que são alcançados pelo reconhecimento intersubjetivo de pretensões de validade.

O consenso – em situação ideal de fala – é construído por meio de 4 condições: compreensão do proferimento; reconhecimento mútuo da verdade do enunciado; correção da norma para que o ato de fala tenha validade; não colocar em causa a sinceridade dos sujeitos em situação de fala. As pretensões de validade são: verdade proposicional

(mundo objetivo); correção normativa (mundo social); veracidade subjetiva (mundo subjetivo).

Como afirmamos em 2008,

Habermas extrai da linguagem sua característica de arena social, pois como mediadora, representação e possibilidade de conhecer a realidade ela é lugar de embate ideológico, de pontos de vista sobre a vida, a razão e a fé. Ou seja, a própria linguagem e suas estruturas lógicas não estão imunes aos conflitos e à dinâmica do conhecimento da realidade. Ao contrário, é expressão deles. (p.40)

Na perspectiva de Habermas, a linguagem é esterilizada. Não comporta a arena de luta tão permeada pelos interesses de classe como os demais espaços de relações sociais. Para ele, a linguagem institui a racionalidade comunicativa que permite o entendimento e o consenso.

Em nossa visão crítica, Habermas abandona a compreensão da história pela via da luta de classes, reduz a política aos cenários institucionais regulados por agentes capazes de enunciados reconhecidos como verdadeiros. Seriam, talvez para Habermas, órgãos reguladores multilaterais e globais como ONU, UNESCO, G-20 etc. aqueles comprovadamente capazes de tratar os grandes e pequenos problemas mundiais. São esferas reconhecidas e consensuadas, entre alguns pares, para estabelecer normativas que o Capital faz questão de não cumprir. Mas, tais normativas têm servido muito mais para enquadrar e impor formas restritivas aos países pobres e às camadas subalternas do que para promover a emancipação social.

A crítica a Habermas: Comunicação e trabalho X Ação e razão comunicativas

Para Habermas, o humano se constitui na relação intersubjetiva eu-outro. Ele descarta a atividade humana como trabalho e comunicação. Ou seja, a atividade como produção material da vida e simultaneamente como produção de subjetividade (simbólica, de significado) que demanda o outro. Essa é a questão de fundo a que Lukács (2012) se refere quando diz que Habermas nega a atividade como ontologia do ser social. Ao conceber a linguagem como primazia do fundamento da subjetividade do humano, Habermas incorpora um conceito de linguagem que abstrai dela a condição de sua historicidade, sobrelevando o aspecto lógico e sistêmico da língua, dando-lhe o potencial de organizador social. Essa potencialidade se encontra, para ele, na teoria pragmática dos

atos de fala, cujo fundamento é a credibilidade entre os falantes que comungam um mesmo sistema de código. Esse compartilhar de código permitiria a racionalidade do reconhecimento entre falantes, a compreensão e o consenso, visto que a lógica da racionalidade é de natureza da língua. A teoria da comunicação se consubstancia, para Habermas, numa **específica** filosofia da linguagem. O fundamento dessa filosofia não reconhece na palavra a materialidade das contradições advindas da luta de classes.

A sociologia a que Habermas se afilia trata a sociedade como Sistema regulado pelo Mundo da Vida. Quando o mundo da vida se mostra incapaz de controlar o sistema, temos o domínio da esfera pública pela lógica do dinheiro e do poder. Assim, a grande tarefa da razão iluminista é fazer com que o mundo da vida – composto de mundo objetivo (relações com a natureza), mundo social (relações sociais); mundo subjetivo (relação consigo) – eminentemente comunicativo, seja capaz de regular o Sistema, formado por poder e dinheiro. Para Habermas, só a lógica racional e de ação comunicativa do Mundo da Vida pode regular o Sistema em favor dos interesses civilizatórios.

Habermas é o pensador vivo comprometido com a ordem democrática e com a governança mundial em favor dos valores humanistas. No entanto, sua teoria tem limites assumidamente vinculados à democracia burguesa, em um momento específico do pós-guerra, no qual, por condições de se instituir uma nova ordem mundial, tivemos os 30 anos gloriosos do estado de bem-estar social em parte da Europa.

Nossa crítica se estabelece e coloca uma outra chave de pensamento para discutir com Habermas, aquela balizada por uma filosofia que responde à existência do Ser com a consciência da existência do Outro; uma antropologia que tem na cultura a essência das relações materiais para a produção da vida; uma sociologia que entende a sociedade como relações sociais que se institucionalizam a partir da produção e distribuição de bens materiais; uma teoria da linguagem que entende a linguagem e a psique como processo de desenvolvimento da produção e reprodução da vida humana em sociedade. Uma teoria da atividade lastreada na ação para a sobrevivência, cuja atividade de trabalho e de comunicação permite produzir os bens e as relações sociais necessários à vida. Para nós, é fundamental o retorno à reflexão sobre trabalho e comunicação como constitutivos do humano. Uma concepção de história, como aquela capaz de narrar a processualidade contraditória do desenvolvimento das sociedades humanas. Nesse sentido, o trabalho não é agir instrumental, é criação do humano, é ação na história.

Para Aragão,

Habermas estar-se-ia orientando pelo processo de formação do espírito de Hegel, na sua fase de juventude, que estipulou esse processo como o resultado de duas dialéticas opostas e independentes: a do trabalho e a da interação (...) (1997, p.114)

Ao assim proceder, segundo Antunes,

o constructo habermasiano relativiza e minimiza o papel do trabalho na sociabilização do ser social, na medida em que na contemporaneidade este é substituído pela esfera da intersubjetividade, que se converte no momento privilegiado do agir social. (2002, p.147)

Nossas reflexões críticas sobre a Teoria do agir comunicativo, de Habermas, estão balizadas na proposta teórica e epistemológica do estudo das ciências da comunicação por meio da compreensão ontológica de entrelaçamento das atividades de comunicação e trabalho. Tal proposta teórica explicita o desenvolvimento da espécie humana e norteia as relações sociais e históricas, dadas como relações entre as classes em disputa pelos bens e pelo poder. Sem compreendermos a relação intrínseca de trabalho e comunicação na constituição do humano, não é possível compreender as relações sociais. Ou dito de outra forma:

[estudar a comunicação] demanda compreender as relações sociais na materialidade concreta do contexto do desenvolvimento histórico e de produção da vida em sociedade (produção e circulação dos bens necessários à vida em uma determinada localidade/tempo) para, desse modo, apreender as contradições e entendê-la – a comunicação – no processo histórico das disputas e das lutas entre as classes sociais. Assim, estudar a comunicação é identificar os conflitos, o movimento da sociedade, as relações de comunicação. (Figaro, 2019, p. 76)

Sem pretensões maiores, o que aqui nos anima é a possibilidade de crítica à teoria habermasiana para colocarmos a comunicação no centro dos embates que se dão no mundo do trabalho, nas transformações do capitalismo e na reconfiguração de um novo mundo possível.

Considerações finais

Por fim, consideramos que a teoria da ação e da razão comunicativas em Habermas tem uma contribuição fundamental: a de elevar a comunicação a área científica de produção teórica. No entanto, a proposição habermasiana ao mesmo tempo que

destaca, limita o potencial do campo da comunicação ao distanciá-lo da história e contrapô-lo ao trabalho. Ao assim construir sua fundamentação teórica, Habermas se submete ao subjetivismo idealista e ao objetivismo abstrato, tão criticados na obra de Volochinov ([1929], 2017) e no círculo de Bakhtin (mas, este é um outro artigo).

A teoria de Habermas passa então por apropriações das mais indevidas, muito embora, haja lastro para isso. Como exemplo, podemos lembrar como a ação comunicativa tem sido utilizada em conjunção com teorias de gestão da força de trabalho na reestruturação produtiva, iniciada desde finais dos anos de 1990, trazendo formas de expressão e de organização sociais que iludem os trabalhadores, desestruturam as organizações de cunho classista, criam um vocabulário simulador de acordos nunca pactuados, muito menos em igualdade de condições da situação ideal de fala.

A virada linguística propugnada por intelectuais pragmáticos e os usos que se tem feito das concepções habermasianas desarmam as lutas emancipacionistas e dão crédito aos fóruns regulados pelas forças hegemônicas seja de países ou de conglomerados que têm acento nos fóruns multilaterais e globais.

Poderíamos listar um punhado de vocábulos que tem valor ideológico marcado pelo cenário da dissimulação da luta de classes: empoderamento, esfera pública global, terceiro setor, lugar de fala, empreendedorismo, governança, transparência entre tantos outros que têm servido para aumentar a confusão que reina na arena política. Nossa impressão é de que os aportes teóricos habermasianos têm sido utilizados para criar a cizânia e desarticular os movimentos de contraposição.

Embora as forças produtivas tenham avançado muito e os meios de produção apontem perspectivas coletivas, horizontalizadas, socializantes, as formas de apropriação e controle desses meios têm gerado todo tipo de retrocesso social e político. As teorias habermasianas empoderaram uma esfera pública política incapaz de dar respostas aos ataques neoliberais. A normatividade regulada da relação intersubjetiva não pode construir o consenso, porque os interesses de classes são diferentes. A comunicação não está acima e fora desses confrontos. Ao contrário. Estamos no olho do furacão, temos assistido no mundo a impossibilidade da regulação por meio da ação e da razão comunicativas, veja-se a crise da União Europeia.

A crise do capitalismo e sua reestruturação levam ao ataque das formas organizativas do trabalho, dos direitos dos trabalhadores. Uma arma importante é a instrumentalização do discurso, simulando lugares de fala participativos e de escolhas

autônomas. Há grande sofisticação retórica argumentativa, há desestabilização de sentidos provenientes da experiência social, criando grande confusão ideológica.

Por isso, o pensamento humanista na ciência deve considerar o movimento contraditório da história e a materialidade das relações de produção nos processos culturais. A compreensão do entrelaçamento ontológico de comunicação e trabalho recoloca a palavra como expressão da arena das lutas sociais.

Referências:

- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2002.
- ARAGÃO, L.M. de C. Razão comunicativa e teoria social crítica em J. Habermas. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1997.
- BENJAMIN, Walter (1981). Anmerkungen. In: *Gesammlte Schriften* (GS), Francfort: Suhrkamp Verlag, Band I, 3.
- FIGARO, Roseli. Comunicação e trabalho. Estudos de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.
- _____. Relações de comunicação no mundo do trabalho. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. Comunicação e trabalho: mediações do local e implicações teórico metodológicas. In: TRINDADE, E; FERNANDES, M.; LACERDA, J. Entre comunicação e mediações: visões teóricas e empíricas. São Paulo/Campina Grande: ECA-USP/EdUFPB, 2019. p. 75-91.
- HABERMAS, Jürgen. Teoría de la acción comunicativa Vol. I e Vol.II. Buenos Aires, Taurus, 1997.
- HOBSBAUWM, E. Sobre a História. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LUKACS, G. Para uma ontologia do ser social I. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LOWY, Michael. A contrapelo. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Lutas Sociais*, São Paulo, n.25/26, p.20-28, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/michael-lowy.pdf> Acesso em : 30/06/2019.
- PIZANI, Alexandro. Habermas. Introdução. Porto Alegre, Artmed, 2009.
- SILVA, Filipe Carreira da. Habermas e a esfera pública: reconstruindo a história de uma ideia. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, n.º 35, 2001, pp. 117-138. Disponível em : http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000100006 Acesso em 30/06/2019.

TRINDADE, E; FERNANDES, M.; LACERDA, J. Entre comunicação e mediações: visões teóricas e empíricas. São Paulo/Campina Grande: ECA-USP/EdUFPB.

VOLOCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.